

‘buen cuidado’ (competente, compasivo, atento y respetuoso) y ello significa que tiene que ser también ‘generativo’, es decir, que “permita el despliegue de una mutua intimidad [...] y una categoría filosófica innovadora como la del *acompañamiento hermenéutico*” (p. 46), pues “no basta el horizonte intersubjetivo del ‘hacer’ sino el horizonte hermenéutico del ‘ser’, el ‘estar juntos’ [...] crecer juntos” (p. 48). Este cuidado, así descrito, es también un ‘cuidado integral’, que afecta a “la casa común (ecosistemas, biodiversidad [...])” (p. 186). En el actual contexto histórico, donde la inteligencia artificial (IA) está en auge, tal integridad en el cuidado afecta también a la Bioética, pues nos “abre nuevos desafíos éticos que podemos plantear desde la hermenéutica filosófica en términos de responsabilidad” (p. 111). Lo mismo puede serle aplicado a las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC), pues “están transformando radicalmente la cultura del cuidado” (p. 157). Y, en este sentido, también otros campos del saber deben ser recontextualizados. Por ejemplo, se debe “‘hermeneutizar’ la economía” (p. 145) y explicitar los presupuestos éticos de toda investigación, en la línea de lo que sostienen los profesores Jesús Conill y Patrici Calvo, reivindicados por Domingo Moratalla en este libro.

En suma, a la luz de todo lo anterior, queda claro que, en cualquiera de los casos, aunque “puede parecer que las actividades relacionadas con el cuidar no necesitaran una fundamentación filosófica [...tenemos] necesidad de mediación reflexiva” (p. 73). Es esta otra manera de indicar que el *care* tiene que quedar debidamente teorizado e incardinado también epistemológicamente en una ética renovada que nos ayude a afrontar nuestros desafíos ecológicos y digitales, para los cuales “necesitamos más orientación moral que nunca” (p. 174).

UNAI BUIL ZAMORANO

Universidad Internacional de La Rioja (UNIR)

EGER, E., *The Gift*, New York: Scribner, 2020, pp. 256.

Temas como o mal, o sofrimento, o perdão, a cura interior, o sentido da vida, a liberdade e a autorrealização, sempre fascinaram e intrigaram vários cientistas de diferentes áreas do saber. De facto, são temas que dizem respeito a cada um de nós... Ou seja, todos nós, de diferentes formas, já fomos vítimas do mal de outras pessoas ou inclusive malfeitores, algo que certamente nos fez sofrer ou fez sofrer alguém, respetivamente; tivemos de perdoar ou ser perdoados; sempre que somos vítimas, temos de curar-nos interiormente e dar um sentido à nossa vida, a fim de sermos livres e, assim, nos autorrealizar, para, deste modo, podermos, por sua vez, doar-nos aos outros e, neste sentido, criar uma melhor sociedade, e vice-versa.

Do mesmo modo, estes temas também dizem respeito a outras pessoas, com quem vivemos quotidianamente, sejam amigos ou inimigos, familiares ou desconhecidos, cocidadãos ou estrangeiros, etc. Finalmente, eles não fazem apenas referência ao tempo passado, mas também ao tempo presente e futuro: de facto, todos nós seremos vítimas ou faremos o mal a alguém; teremos de perdoar ou ser perdoados; teremos de atualizar, confirmar ou retificar o nosso sentido de vida, etc.

Neste sentido, acho bastante interessante e pertinente a obra, *The Gift*, da renomada psicóloga, Edith Eger, conhecida também como “a Bailarina de Auschwitz”, amiga e discípula do renomado psiquiatra / filósofo vianês, Viktor Frankl, autora do bestseller, segundo o New York Times, *The Choice* (2017), pois, analisa estes temas, de diferentes formas e perspetivas, recorrendo, para tal, a um estudo interdisciplinar, nomeadamente entre a filosofia, a sociologia, a psicologia, a educação, a história.

Assim, Eger dividiu esta sua obra em 12 capítulos. No primeiro, intitulado de “*The Prison of Victimhood*”, a autora analisa a importância de não só sermos conscientes de todas as experiências negativas das quais fomos vítimas, mas também de aceitarmos o passado e de sermos compassivos para conosco mesmos, bem como de perdoar os nossos malfeitores. Também destaca a importância de termos de continuar a viver com a nossa vida, independentemente do mal que sofremos. Já no segundo, intitulado de “*The Prison of Avoidance*”, a autora continua com a análise precedente, porém, destacando a importância de, sobretudo em períodos ‘neutros’, interpretarmos os nossos afetos (as nossas emoções, sentimentos, inclusive os corporais, e estados de ânimo), em particular o sofrimento, de dar-lhes um nome, aceitá-los, sem julgá-los ou procurar mudá-los. Do mesmo modo, a autora destaca também a importância de expressarmos esses nossos afetos -nesse sentido, deve-se evitar reprimi-los.

Posteriormente, no terceiro capítulo, intitulado de “*The Prison of Self-Neglect*”, Eger salienta a importância de nos aceitarmos e amarmos tal como somos, independentemente daquilo que vivemos, bem como de apreciarmos e disfrutarmos de todas as coisas belas, ao nosso redor, como também de cuidarmos de nós mesmos e de nos amarmos. Já no quarto, intitulado de “*The Prison of Secrets*”, a autora analisa a importância de sermos realistas e autênticos, bem como a importância de partilharmos as nossas experiências negativas com os demais, seja individualmente ou em grupo.

Subsequentemente, no quinto capítulo, intitulado de “*The Prison of Guilt and Shame*”, Eger analisa a culpa e a vergonha, que muitas pessoas experimentam face às experiências negativas das quais foram autoras ou vítimas. Neste sentido, destaca a importância de estarmos em paz conosco mesmo e com os outros. Já no sexto, intitulado de “*The Prison of Unresolved Grief*”, a autora evidencia a importância de aceitarmos a morte dos nossos entes queridos, apesar

destas experiências causarem-nos sempre muito sofrimento. Assim, salienta que devemos continuar com a nossa vida, o que não quer dizer que não devemos reconhecer e ser-lhes gratos pelos benefícios que nos outrora nos outorgaram.

Sucessivamente, no sétimo capítulo, intitulado de “*The Prison of Rigidity*”, a autora mostra como não devemos ser rígidos e perfeccionistas connosco mesmos e de aceitarmos todas as realidades negativas pelas quais passamos, como também de procurarmos reconciliar-nos com os demais, porém sem abdicar da verdade. Já no oitavo, intitulado de “*The Prison of Resentment*”, a autora mostra como o ressentimento intoxica-nos bem como as relações que estabelecemos com os outros, como também apela para atualizarmos, ao longo da nossa vida, a nossa educação afetiva.

Posteriormente, no nono capítulo, intitulado de “*The Prison of Paralyzing Fear*”, Eger mostra como o medo ilegítimo condiciona a nossa identidade e liberdade, como também a importância de sermos sempre flexíveis. Já no décimo, intitulado de “*The Prison of Judgment*”, a autora destaca a negatividade dos preconceitos que criamos ou adotamos. Também mostra como os nossos malfeitores podem ser os nossos melhores ‘benfeitores’.

Sucessivamente, no décimo primeiro capítulo, intitulado de “*The Prison of Hopelessness*”, Eger mostra como a esperança, o ser-se realista e a autenticidade desempenham um papel fundamental na nossa vida. Finalmente, no último, intitulado de “*The Prison of Not Forgiving*”, a autora mostra a importância do perdão, condenando, neste sentido, a falta de perdão e a vingança.

Neste livro, gostaria de salientar os seguintes pontos, que considero aqueles que mais se destacam nele de forma positiva. Assim, o primeiro consiste no facto de Eger não só ter estabelecido essa relação interdisciplinar, mas também ter recorrido às suas histórias pessoais, em particular àquelas que se referem ao tempo em que esteve no campo de concentração, e à de outras pessoas, em particular aquelas que lhe foram partilhadas pelos seus pacientes, para fundamentar e corroborar as suas ideias. Por outro lado, destaca-se também o mérito da autora procurar ajudar, deste modo e o longo do livro, o leitor a saber lidar com situações que causam-lhe sofrimento.

Em seguida, destaca-se também o facto de Eger, ao longo da sua obra, criar uma espécie de ‘simbioses’ entre os principais temas do livro, ou seja, entre o mal, o sofrimento, o perdão, a cura interior, o sentido da vida, a liberdade e a autorrealização. Neste sentido, gostaria de ressaltar quando a autora enfatiza e defende que todos nós, sem exceções, seremos vítimas do mal dos outros, uns mais do que outros. Aliado a isto, ela destaca que toda a pessoa humana sofre, de diferentes modos, independentemente da sua idade, sexo, cultura, ou condição social e económica, não só devido ao mal que os outros nos causam, mas também por outras causas involuntárias (por exemplo, uma doença) ou

inclusive voluntárias. De facto, nós mesmos podemos não só causar males aos outros, mas também a nós mesmos.

Ora, no que concerne ao mal que os outros nos causam, salienta-se também nesta obra a importância que Eger concede ao perdão. Neste sentido, ela defende que devemos sempre perdoar os nossos malfeitores, independentemente de quem seja ou do mal que nos tenham feito (raciocínio que se estende também a nós mesmos, isto é, devemos sempre perdoar-nos).

Porém, como a autora destaca, o perdão não consiste em não se reconhecer o mal feito contra nós, ou em esquecê-lo, nem tampouco em não nos indignarmos com tal. Perdoar consiste sim em cancelar o ódio e a inimizade com o malfeitor, realidades que motivam-nos muitas vezes, em contrapartida, a procurar a vingança. Pelo contrário, a autora enfatiza que, como nascemos para amar e não para odiar, devemos sempre amar inclusive os nossos inimigos, devido à sua dignidade ontológica. Ou seja, todos nós possuímos a mesma dignidade (ninguém é mais pessoa humana do que outra). Por isso, o ‘ser’ do malfeitor jamais se identifica com o seu ‘fazer’, neste caso com o mal feito contra nós.

Destaca-se também, neste sentido, o facto de Eger mostrar acertadamente que o malfeitor origina muitas das vezes o mal, porque ele também outrora, de uma forma ou de outra, foi de igual modo uma vítima de um outro malfeitor e, assim sucessivamente, e que, ao mesmo tempo, não soube perdoar o seu malfeitor e assim libertar-se. Portanto, segundo a autora, se não queremos, de igual modo, convertermo-nos num malfeitor no futuro e, assim, eliminar esta cadeia ‘diabólica’, devemos, pois, perdoar a fim de tornamo-nos livres. Aqui destaca-se também um outro tema que a autora dissecou com habilidade ao longo da sua obra, ou seja, a cura interior, que deve ser constante ao longo da nossa vida.

Contudo, neste sentido, penso que a autora comete o erro metafísico de defender que o perdão é um ‘dom’ apenas para a vítima, pois torna-a livre. Ora, se olharmos para a etimologia da palavra perdão, que provém da palavra latina “*perdonare*”, que mantém basicamente esta estrutura nas línguas neolatinas, vemos que o perdão é também um dom para o malfeitor, pois essa ela deriva da justaposição de ‘*per*’ (para) com ‘*donare*’ (doar) –raciocínio que se pode também estender ao inglês (*for + give*) e ao alemão (*Ver + gebung*).

Voltando ao nosso argumento, todavia com relação ao mal do qual somos vítimas, destaco também a distinção fundamental que Eger estabelece entre o “ser-se vítima” e o “vitimismo”. Ou seja, independentemente do mal que recebemos, isto não deve impossibilitar-nos de dar continuidade à nossa vida, como se verifica, em contrapartida, no vitimismo. É verdade que não podemos intervir no passado, ou inclusive cancelá-lo; porém, podemos sempre interferir no futuro. É verdade que não podemos eliminar o que vivemos no passado, mas podemos, apesar disso, decidir sobre o nosso futuro. De facto, em consonância com este ponto, segundo a autora, através do mal que padecemos podemos

aprender muitas coisas, que seriam impossíveis de aprender de outro modo, e, neste sentido, crescer como pessoas e, assim, contribuir para a construção de uma sociedade melhor. Assim, podemos, num certo sentido, podemos agradecer aos nossos malfeitores, pois, indiretamente, são também nossos ‘benfeitores’.

Em consonância, um outro tema bastante pertinente, que Eger dissecou no seu livro, é o da esperança. Ou seja, por mais difícil que seja a situação pela qual estejamos a passar (e que nos causa sofrimento), devemos sempre ter esperança num futuro melhor, pois, toda a situação negativa, mais cedo ou mais tarde acabará. Desta forma, a esperança torna-nos mais resilientes para enfrentarmos as situações negativas com as quais nos deparamos. Por outro lado, acrescenta que quando elas acabarem, podemos tornamo-nos em pessoas mais maduras, podendo, de esse modo servir melhor os outros. Aqui reside, portanto, segundo a autora, a nossa ‘vocação primária’, ou seja, servir e ajudar os outros a tornarem-se quem realmente têm de ser, inclusive os nossos malfeitores. Porém, para doarmos-nos aos outros e, assim, amá-los, é inicialmente necessário amarmos-nos também a nós mesmos; para curar os outros é necessário inicialmente curarmos-nos a nós mesmos; para tornarmos os outros livres, temos também inicialmente que nós o ser. De facto, não podemos ‘dar’ aquilo que nós não temos...

Neste sentido, Eger salienta a importância do sentido da vida, um dos pontos mais enfocados também pelo seu amigo e mestre, Viktor Frankl, fundador da terceira escola vianesa de psicoterapia, a “Logoterapia”, que também experimentou o campo de concentração de Auschwitz. Deste modo, também segundo a autora, é necessário, igualmente, sermos autênticos e, simultaneamente, procuramos não só ser realistas, mas também procurarmos almejar o nosso verdadeiro ‘eu’.

Estando diante de uma obra, que premeia sobretudo pelo seu diálogo interdisciplinar e pelos temas abordados, bem com pela sua metodologia e estrutura, gostaria de terminar esta resenha, se me é permitido, encorajando Edith Eger, apesar da sua longa idade, a continuar a partilhar não só as experiências pelas quais passou, mas também o seu pensamento, a fim de o leitor poder se autorrealizar e, assim, contribuir para a edificação de um mundo melhor: este foi o objetivo principal desta obra e que motivou, como a autora nos relata, a sobreviver ao campo de concentração. De facto, diante de situações que nos fazem sofrer, como ela demonstra, ninguém pode cancelar a nossa liberdade interior e, deste modo, a nossa autodeterminação, inclusive nos momentos que antecedem à nossa morte.

EUGÉNIO LOPES
UNED